

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

**1º CONGRESSO NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR: O OLHAR NA
ATUALIDADE**

TÍTULO DO TRABALHO

Rhuana Ramos dos Santos Marques (DPI, UEM, CNPq, PIBIC AF-IS); Maria Lucia Boarini (Orientadora).

contato: rhuana psicologia@gmail.com

Palavras-chave: Saúde escolar. Educação escolar. Higiene mental.

No Brasil, existem vários estudos do Ministério da Educação, IBGE e INEP que indicam que o rendimento escolar vem aumentando, enquanto que a evasão escolar vem diminuindo, mas as taxas de analfabetismo continuam altas no país. O ensino fundamental constitui a base do sistema educativo nacional e abrange da 1ª a 9ª série. Sobre este nível de ensino que inclui a faixa etária de 7 a 14 anos, o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) citado pelo IBGE divulgou que em 2005, a taxa de frequência escolar estava praticamente universalizada, com cerca 81,7%, mas que a “frequência líquida”, ou seja, a frequência que indica a adequação da série freqüentada e a idade era de apenas 45,3% (IBGE, 2005), o que nos dá indícios da defasagem escolar.

O IBGE aponta que na faixa etária de 10 a 15 anos, jovens que só estudam representam 85,5%; enquanto que na faixa dos 16 e 17 anos, esse percentual cai para 54,4% e entre 18 e 19 anos temos apenas 27,6% dos jovens, estão dando continuidade aos seus estudos (IBGE, 2006). Estes dados nos indicam que em relação à evasão escolar, no Brasil, há uma tendência em abandonar os estudos com o passar da idade, e isto se dá principalmente pela necessidade do jovem buscar seu lugar no mercado de trabalho. Todavia, ao recuperar a história da educação no Brasil notamos que o baixo rendimento escolar e a evasão não são fenômenos exclusivos da atualidade.

Buscando compreender este fenômeno recuperamos para análise a educação escolar, apresentada e debatida no I Congresso Nacional de Saúde Escolar, realizado na cidade de São Paulo, em 1941. Este evento promovido pelo Serviço de Saúde Escolar do Estado de São Paulo e contou com o apoio do Governo Federal, representado pelo Presidente da República Getúlio Vargas. A finalidade deste evento era refletir a educação escolar e buscar propostas para resolução de problemas ligados ao ensino e a saúde dos estudantes. Este congresso reuniu profissionais de diferentes países e de diferentes áreas de conhecimento, tais como:

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

médicos, psicanalistas, psicólogos, quanto da área da educação: educadores, professores e auxiliares.

A pesquisa realizada foi de natureza documental e bibliográfica adotando como fonte primária os Anais do Congresso Nacional de Saúde Escolar (CNSE). Inicialmente foi realizado um levantamento de dados estatísticos acerca da educação brasileira no que tange o rendimento e a evasão escolar, no período dos anos 2000 a 2009. As fontes de informação utilizadas para esta primeira etapa foram os dados do IBGE, do INEP e documentos oficiais do Ministério da Educação. Num segundo momento, realizou-se a contextualização da história da educação escolar na década de 1940. Por fim, a leitura, o fichamento e a análise de cada um dos temas discutidos e apresentados nos anais do evento.

De acordo com dados expostos em documentos oficiais da época, a educação primária da década de 1940 se encontrava em estado alarmante, pois havia altos índices de evasão escolar e de repetência. O Ministério da Educação e da Saúde preocupado com tal situação criou o Serviço de Saúde Escolar, que organizou o congresso a fim de discutir as condições físicas e mentais dos escolares.

Sendo assim, a saúde escolar poderia ser entendida como: “parte da medicina que estabelece os meios de promoção, proteção e recuperação da saúde física, mental e social da criança e seu desenvolvimento normal durante o período de frequência à escola” (MORAES, apud LIMA, 1985, pág. 28)

No estudo dos anais do I Congresso Nacional de Saúde Escolar percebeu-se que os intelectuais da época acreditavam que os problemas relacionados à educação poderiam ser resolvidos através da higiene pública e da pedagogia da saúde. Este trabalho deveria ser realizado com médicos escolares, educadoras sanitárias, pedagogos e psicólogos, a fim de, conservar a saúde física, mental, moral e social das crianças.

Na década de quarenta do século passado, década esta que foi realizada o congresso, existiam várias medidas tomadas pelo governo a fim de ampliar e estruturar o ensino industrial, regular e agrícola. A ênfase era que os adolescentes participassem principalmente do ensino técnico ofertado pelo Estado, para que posteriormente pudessem ser inseridos no mercado de trabalho. As propostas discutidas no congresso não se diferenciavam desta última, a necessidade de ensinar a higiene pública e a pedagogia da saúde vinha de encontro com a preocupação de preparar crianças fortes e sadias com propósito de incentivá-las a trabalhar para a pátria. “A saúde escolar se justificava pelo ‘fortalecimento moral’, o ‘aperfeiçoamento

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

da raça', a formação de cidadãos 'produtivos e úteis' à pátria e à 'nação'. Eugenia continuava sendo uma palavra chave (...)” (p. 145, LIMA, 1985).

Ao médico escolar estava reservado o lugar mais importante da escola, cujo objetivo último seria manter a salubridade da escola e a saúde do escolar. Aos professores e as educadoras sanitárias caberia a função de ensinar os bons hábitos às crianças e também as famílias, julga-se totalmente necessária uma relação íntima entre a escola e o lar, pois nada vale ensinar os escolares se os pais não aprenderem e incentivam os bons hábitos.

A saúde escolar deveria cuidar dos problemas relacionados à evasão, à repetência, a saúde dos professores e dos escolares, pois se propôs como indispensável ao processo ensino-aprendizado, garantindo que o investimento do estado em escolas resultasse na produção de indivíduos aptos ao trabalho (LIMA, 1985).

É importante pontuar que no encerramento do evento, os congressistas aprovaram um documento relacionado aos direitos da criança recuperando as discussões que já tinham ocorrido em 1924 na Declaração de Genebra dos Direitos das Crianças, em Genebra. Neste sentido, os congressistas reafirmaram a necessidade de assegurar na letra da lei os direitos das crianças que se concretizará apenas 47 anos após a realização deste evento, ou seja, somente em 1988 que a Constituição Brasileira, apresenta os direitos assegurados das crianças, dando a oportunidade da criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Este trabalho permitiu visualizar o quanto as causas do fracasso escolar, do baixo rendimento e da evasão eram atribuídas ao indivíduo, isto porque foi apresentado como imprescindível a necessidade de conservar a saúde física, mental, moral e social das crianças, porque essas não aprendiam ora por causa da má alimentação e das doenças e ora por causa dos maus hábitos advindos das famílias. De fato, eram inúmeras as doenças contagiosas que perpassavam a sociedade da época (diarréia, sarampo, catapora, entre outras) e as medicações no combate a estas doenças ainda não eram tão desenvolvidas ou amplamente popularizadas. Além disto, a falta de infra-estrutura das cidades, das moradias da maioria da população era precária, e tal fato não foi profundamente debatido neste congresso. Neste sentido, as mazelas escolares foram atribuídas ao aluno e a sua família. Assim sendo a proposta apresentada foi oferecer a este aluno merenda escolar, médicos escolares e educadoras sanitárias.

Salvaguardada a diferença do tempo transcorrido e a forma como os problemas ocorrem, as mazelas escolares (evasão, baixo rendimento, fracasso escolar, e etc.), se mantêm e as causas continuam sendo atribuídas ao indivíduo. Atualmente temos um agravante com o

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

avanço da farmacologia, a medicalização tem sido apresentada como a solução. Segundo Boarini e Yamamoto (2004), os:

(...) limites tênues entre Educação/Psicologia/Saúde que as idéias higienistas e eugenistas encontram em seu elixir da juventude. A título de ilustração, diríamos que é fato corriqueiro para o psicólogo, sobretudo o que atua nos serviços de Saúde Mental da Saúde Pública, receber uma grande demanda aos seus serviços oriunda da escola com a queixa de “problemas de aprendizagem” ou “problemas de disciplina. Detalhe interessante a destacar é que, antes mesmo da avaliação do aluno pelo profissional da saúde ou até antes do encaminhamento à saúde, a queixa do mau rendimento escolar já tem sua explicação: “o aluno é assim porque tem muito piolho e o piolho dá anemia”, ou são crianças que nascem de ventre podre” ou “porque os pais são separados”, ou porque o pai bebe”, ou “porque mora na periferia” etc.. Justifica-se as dificuldade e problemas de uma pessoa exclusivamente por suas características individuais ou familiares. São explicações que mitificam o problema posto e, neste sentido, não se sustentam diante de análises mais rigorosas. São encaminhamentos que, em sua maioria, já estão historicamente comprovados como uma forma de deslocar o eixo da preocupação social para o individual. (p.59)

Atualmente temos um agravante com o avanço da farmacologia, a medicalização tem sido apresentada como a solução, e sobre tal afirmação Boarini e Yamamoto (2004) dizem:

Em outras palavras, no caso da escola, atribuir ao aluno e à sua saúde (física ou psicológica) os problemas de ordem institucional, é o que na literatura tem-se denominado como “medicalização” do espaço escolar. A medicalização, a psicologização, a sociologização são recursos cotidianamente adotados, em nossa sociedade, para explicar problemas gerados em diferentes circunstâncias sociais. Mas, se esta forma de pensar e explicar as dificuldade não é prerrogativa da educação ou da Psicologia, também não é específica do nosso tempo. No retorno à história vamos constatar que esta medicalização, salvo erro de generalização, é o cerne do pensamento higienista. (p.60)

O que nos parece é que realmente, o discurso higienista e eugênico está presente em vários determinantes da vida material humana, sucintamente e disfarçado com novas roupagens.

Referências

Anais do Primeiro Congresso Nacional de Saúde Escolar, 1941. São Paulo, Imprensa Oficial, 1942.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

BOARINI, M. L., & YAMAMOTO, O. H. Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem. **Psicologia Revista**, vol. 13, n.1, SP. Educ. 2004.

IBGE, 2005. Dados sobre a educação no Brasil. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/escola/dados.html>> Acesso em 20/08/2011.

IBGE, 2006. IBGE detecta mudanças na família brasileira. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774>
Acesso em: 20/08/2011.

LIMA, G. Z. **Saúde Escolar e Educação**. São Paulo : Ed. Cortez,1985.